

A majestade do cargo *lamey*

Ricardo Noblat

UMA lufada de bom senso varreu do Palácio do Planalto a idéia de tornar o Presidente da República uma atração quinzenal das emissoras de rádio e de televisão do país.

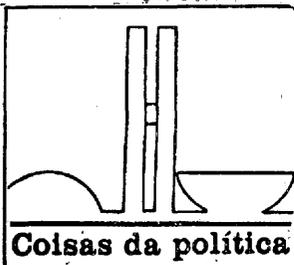
Arquitetou-se ali, em gabinetes bem próximos ao do Sr José Sarney, seu retorno periódico às câmeras e microfones para detalhar os pontos principais do discurso à nação da última segunda-feira. O próprio Presidente, ao que parece aconselhado por cabeças mais ajuizadas, descartou a idéia por desnecessária — além de inoportuna. Capaz de gerar resultados inteiramente contrários aos pretendidos. Ainda bem.

A última experiência de um presidente televisivo não foi exatamente das mais felizes. As aparições dominicais do General Figueiredo resultaram, para a Rede Globo, em um rotundo fracasso de audiência. Para ele mesmo, em algo de muito aborrecido; e para o país, uma oportunidade de dormir mais cedo. Conceda-se que a Nova República tem mais o charme global que a Velha. É que o Sr Sarney é melhor ator que o aposentado general — ainda assim é, no mínimo, duvidoso o que se obteria disso. Decididamente, não pintaria algo de novo na tela da Globo, em tela alguma.

Parece haver uma certa pressa juvenil e amadora a animar a assessoria presidencial para empurrar o Sr Sarney na direção dos jornalistas. Não deixa de ser compreensível — e também não deixa de ter seu aspecto salutar. A nação viveu os últimos 21 anos de autoritarismo a assistir presidentes que não davam explicações dos seus atos ou que só falavam através de pronunciamentos oficiais. O General Figueiredo interrompeu a linhagem dos presidentes-mudos, mesmo assim de maneira atabalhoada. Nem ele, contudo, inclinou-se a conceder uma entrevista coletiva formal, onde poderia ser alvejado por qualquer tipo de pergunta.

O Presidente Sarney — e antes deles, o Presidente Tancredo Neves — restabeleceu o hábito democrático das entrevistas coletivas e o costume politicamente sadio dos encontros periódicos e informais com os jornalistas. Deve agora, tão somente, cuidar para não vulgarizar suas aparições. Nem correr o risco de repetir-se enfadonhamente. A fala à nação da segunda-feira valeu pela oportunidade que teve o Sr Sarney de apresentar, de maneira organizada, idéias que vinha expondo em pronunciamentos ocasionais ou em encontros episódicos com a imprensa.

Valeu, também, para que ele ressaltasse sua



Coisas da política

clara opção pelo caráter social do Governo. Mas foi só. Rigorosamente nada de novo pode ser extraído dos 29 minutos da fala presidencial. O pacto nacional foi sintetizado em cinco pontos — poderia ter sido em 7. Em 10. Para essas coisas, não existe mesmo uma medida. As considerações sobre o valor da liberdade, da identidade cultural, da soberania no processo de renegociação da dívida foram de ordem tão abrangente que ninguém se negaria a assiná-las. Parágrafos inteiros traíram a colaboração do conselheiro Acácio. Mas o saldo foi bom. Deve ter sido bom. A julgar-se pela felicidade que reina nas cercanias do Palácio do Planalto.

Bom não foi, seguramente, o saldo do primeiro dos encontros semanais com os jornalistas que o Presidente inaugurou na quinta-feira. Do que ali foi dito e, depois, publicado, emergiu um Presidente que se repete à exaustão e que, talvez, à falta do que dizer de novo, socorre-se do óbvio. O Sr Sarney afirmou, por exemplo, que “é preciso que todos nós, nas escolas, nas fábricas, na caserna, em toda parte, aprendamos a cultivar a Constituição como um valor da ordem democrática e instrumento da justiça social”. (Folha de S. Paulo)

Disse, quanto à reforma agrária: “A questão é polêmica e haveria reações de qualquer maneira. Mas, é preciso que não haja dúvida de que ela se fará em favor dos interesses nacionais e não contra quem quer que seja”. (Estado de S. Paulo) O Presidente mostrou-se convencido “de que até o final do ano, no máximo, a sociedade e o Governo já estarão decidindo juntos as prioridades do país, como resultado do pacto nacional que começa a promover”. (O Globo) O Sr Sarney quer governar quatro anos mas a duração do seu mandato é “uma decisão que caberá aos constituintes”. (todos os jornais)

Pode o Presidente sugerir aos seus convidados que nem tudo que lhes diga deva, forçosamente, assumir a dimensão de uma entrevista. Evitará, assim, plagiar a si próprio. Pode, também, o Presidente receber os jornalistas quando tiver, de fato, algo a lhes dizer. No mais, deverão ser encontros amistosos, cultivados por um Presidente que sabe preservar os amigos e que democraticamente favorece o acesso deles à sua companhia. A majestade do cargo que o Sr Sarney exerce, até aqui sem reparo algum, é extensiva, naturalmente, às suas palavras. Deve o Presidente zelar para que seja assim. Para o seu bem e para o bem de todos.

Otimismo

O Ministro João Sayad atravessou, otimista, a sexta-feira. Se o Presidente Sarney pensa em um crescimento anual da economia da ordem de 5% ou 6%, o Ministro do Planejamento já ultrapassou a casa dos 7%, para este ano.

Ricardo Noblat é editor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília.